

DUOLINGO E LINGUALEO: APARATOS DIGITAIS PARA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA

Maria Aparecida Viegas de Melo¹, Walteno Martins Parreira Júnior²

^{1,2} Instituto Federal do Triângulo Mineiro - Campus Uberlândia Centro (IFTM).

¹ cidaviegas@yahoo.com.br; ² waltenomartins@iftm.edu.br

Linha de trabalho: Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação.

Resumo

Este trabalho busca problematizar a discursividade apresentada nas plataformas de aprendizagem *Duolingo* e *LinguaLeo*, mapeando o *layout*, os materiais pedagógicos presentes nos referidos cursos, objetivando analisar de que modo e se estes cursos online possibilitam a seus usuários aprender a língua inglesa autonomamente. Neste sentido, focaremos em observar o sistema de navegação, o design pedagógico, a interação, colaboração e interatividade presente nestes ambientes virtuais, partindo de uma perspectiva teórica discursiva com foco nas regularidades enunciativas. Entendemos que analisar cursos de língua inglesa em ambientes virtuais pode colaborar para que novos cursos online de língua inglesa, com novos designs e materiais educacionais mais dinâmicos, eficientes, que levem em consideração o aprendiz como um cidadão que busca a aprendizagem de línguas com autonomia emergjam.

Palavras-chave: Língua Inglesa; AVA; *Duolingo*; *LinguaLeo*; autonomia.

1. Introdução

A maior revolução que a internet trouxe não foi a facilidade de acesso à informações, mas a possibilidade do usuário interagir seja com o outro, com ele mesmo, podendo interferir nesse processo, sendo autor e não apenas receptor de conhecimento.

Nesse contexto, pelo fato de que cada vez mais cursos de língua inglesa livres e a distância são disponibilizados na internet, e na medida em que cada vez mais usuários têm acesso a tais cursos, esta pesquisa se justifica pela necessidade de investigar a questão da autonomia na aprendizagem de língua inglesa.

E compreender se um novo paradigma de aprendizagem da língua está de fato se constituindo e tomando o lugar do modelo de aprendizagem presencial que tem sido o predominante, ou mesmo, se está alterando as práticas de aprendizagem presenciais.

Com a formação de sujeitos mais autônomos e independentes em seus próprios processos de aprendizagem, que ampliam suas formas de estudo e encontram nos cursos livres

espaços mais interessantes de aprendizagem, espaços em que o gerenciamento do tempo e decisões de como e quando aprender acaba sendo o grande diferencial.

Nossa proposta é pensar o lugar desses cursos para o aluno de escola de ensino médio de língua inglesa como língua estrangeira, no Brasil, hoje, e refletir sobre a possibilidade de emergência de um novo perfil de aluno. Sabemos que tais cursos e ferramentas existem há algum tempo, mas não sabemos se e como um novo perfil de autonomia de aprendizagem tem sido a característica desta geração de alunos de língua inglesa no Brasil.

A educação a distância (EAD) tem apresentado uma gama de possibilidades de ferramentas e espaços digitais que têm feito o possível para que cursos como os que nos propomos analisar, *Duolingo* e *LinguaLeo*, voltados para a aprendizagem de língua inglesa (LI) surjam.

O *Duolingo* é uma plataforma gratuita *crowdsourcing* de tradução de textos para aquisição de línguas estrangeiras. O funcionamento deste ambiente online funciona de maneira que os usuários possam progredir nas lições ao mesmo tempo em que traduzem conteúdo real da internet. As lições são estruturadas em: escrita de palavras / frases ouvidas em uma gravação de áudio, tradução de palavras / frases, múltipla escolha (de três possibilidades, aprendizado de palavras novas por meio de uma imagem ou de uma indicação em um texto para traduzir e escolha da tradução correta). (WIKIPÉDIA, 2017)

LinguaLeo é uma plataforma de aprendizagem online de línguas que oferece aos usuários um teste de nivelamento para determinar suas habilidades linguísticas, materiais de treinamento projetados para o progresso no curso, além de exercícios completos que permitem aprender a gramática, aumentar o vocabulário e melhorar a leitura e compreensão auditiva. A conta grátis do *LinguaLeo* fornece aos alunos acesso à maioria dos serviços, conteúdos e ferramentas. A coleção inclui ainda, de acordo o site, mais de 200.000 materiais de aprendizagem individuais, incluindo notícias, entretenimento e artigos de negócios, canções populares, *clips* de filmes, histórias e piadas.

Na discursividade da EAD, pressupõe-se que um aprendiz de cursos a distância é responsável por construir seu conhecimento de maneira autônoma, controlando seu tempo, buscando alternativas para aprimorar seu aprendizado nos espaços online, pelo fato de que nem sempre é possível contar com a ajuda de um professor/tutor que possa direcionar suas ações para o aprendizado.

Navegar por espaços online não é uma dificuldade para nossos alunos, tendo em vista que eles vivem conectados o tempo todo, mas, quando se fala em autonomia para gerir sua

própria aprendizagem, muitos encontram barreiras e estas podem ser um obstáculo no aprendizado principalmente de uma nova língua.

O termo autonomia está presente no discurso de muitos autores de maneiras diferentes, muitas das vezes se completam outras se distanciam. Holec (1981, p. 3-4) define autonomia como “a capacidade de se responsabilizar pela própria aprendizagem”, ou seja, definindo objetivos, escolhendo qual material estudar primeiro, tendo o controle de seu aprendizado.

Na visão de Dickinson (1987, p. 9) “um aprendiz autônomo é aquele que é totalmente responsável para tomar decisões que dizem respeito à sua aprendizagem e para implementá-las”. Entendemos que nem sempre é bem assim que acontece nos AVA.

Segundo Belloni (2009), a aprendizagem autônoma é “um processo centrado no aprendente, entendido como um gestor de seu processo de aprendizagem, capaz de autodirigir e auto regular este processo”. Sabemos que muitos aprendizes têm dificuldades em planejar, gerenciar o tempo e autodirecionar-se.

Na perspectiva de Loisel (2002, p. 108) a autônoma é “um ideal a ser atingido” por entender que o uso de aparatos digitais não é garantia para que a autonomia dos alunos aconteça nestes espaços.

De acordo com estes conceitos, entende-se que autonomia é um conceito complexo e que deve ser mais bem estudada e neste sentido nos perguntamos como a autonomia pode ser proposta e praticada em cursos como *Duolingo e LinguaLeo*? Como e se ela é praticada nestes cursos?

Diante destes conceitos, nossa hipótese é a de que os cursos analisados podem vir a desenvolver a autonomia da aprendizagem em seus usuários, assim como despertar neles o interesse em conhecer novos cursos EAD para a aprendizagem de LI, podendo se tornar um novo modelo de aprendizagem de línguas em que o aluno é capaz de autogerenciar seu tempo e as habilidades linguísticas que necessita e quer aprender.

2. Desenvolvimento

Embasamos nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso para entendermos questões como posicionamento ideológico dos sujeitos aprendizes de LI em relação à questão da autonomia em AVA, questões identitárias na construção da identidade desse aluno e também nos pressupostos teóricos da Linguística Aplicada que nos norteará sobre a aprendizagem de línguas estrangeiras.

Entendemos que o uso das ferramentas online pode contribuir para ampliar as oportunidades de aprendizado de LI e é esta uma questão que nos propomos a avaliar neste trabalho.

Quando pensamos em língua e seu funcionamento, pensamos o sujeito como sujeito de linguagem para quem a língua é a superfície na qual os sentidos se constroem na relação com o exterior constitutivo e por movimentos ideológicos. Trabalhamos com a noção de discursivo da língua e entendemos que a língua nunca é neutra e seu sentido é sempre em relação à história, ideologia e suas posições discursivas. Diante de um sentido de língua como instrumento, nossa proposta é trabalhar com a noção de discursivo da língua.

2.1. Sujeito e discurso

A partir dos apontamentos feitos por Saussure em seus estudos, a língua é entendida como um sistema e seus sentidos resultados de gestos de interpretação destes sujeitos, de acordo com determinadas condições de produção.

Na visão de Orlandi (2005), a análise do discurso (AD) é uma disciplina de entremeio, pois nasce da indagação sobre a emergência de sentidos pela/na língua e na sua relação com a história e pelo sujeito.

Na perspectiva da AD, percebe-se o sujeito como sujeito que ocupa uma determinada posição no discurso, sendo este constituído por e na linguagem, partindo do pressuposto do sujeito freudiano, o sujeito do inconsciente ao sujeito ideológico dos estudos marxistas pelas lutas de classes e funcionamento social.

Baseado nestes conceitos, entendemos ser essencial problematizar a questão da emergência de sentidos e, para isso, é importante abordar sobre a formação discursiva na ótica de Pêcheux (1995),

Aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.). (PÊCHEUX, 1995, p. 160)

Assim, o sentido é sempre percebido em uma formação discursiva, dentro de um discurso. A compreensão do termo “autônomo” varia de acordo com as diferentes formações discursivas. Em um caso, pode significar um trabalhador autônomo, ou pode significar também uma pessoa de iniciativa, mas também, um sistema que funciona sem ajuda de outros sistemas. Ao interpretar, cada sujeito define autonomia a partir das situações, da relação com outros sujeitos, a partir de uma memória de língua e linguagem que o constitui e das determinações textuais e históricas. A relação do sujeito com a produção de sentidos na língua

materna, entretanto, pode ser diferente da relação com os sentidos na língua estrangeira, pois esse saber de língua (gem) é diferentemente constituído, pois são outros aspectos de sistema da língua e de memória que acontecem na língua estrangeira.

Neste trabalho, entendemos que o sujeito usuário do *Duolingo e LinguaLeo* são sujeitos que desejam aprender a língua inglesa e neste sentido, buscam estas ferramentas online para aprender a LI como materialidade simbólica por serem afetados por ela, o que difere dos ambientes presenciais existentes em escolas brasileiras.

Tomamos o espaço virtual de cursos online como um espaço que emerge no entremeio do empírico e do discursivo, visto que o virtual configura-se como um espaço onde se materializam diferentes discursividades, desde chats, fóruns até situações mais formais onde há uma individualização do sujeito pelo Estado através de serviços, como os bancários, que hoje realizamos pela internet. (GRIGOLETTO, 2011a, p. 51).

Temos, nestes espaços, os AVAs que

[...] não se constituem em sites institucionais, mas espaços da/na rede, fortemente controlados pelas relações de poder institucional. Então, o espaço virtual ao mesmo tempo em que abriga diferentes discursividades, ele próprio se constitui num espaço de discursividade, mas não sem a determinação da prática social.” (GRIGOLETTO, 2011, p. 51).

Neste sentido, entendemos que trabalhar a cultura do letramento digital e a autonomia nestes espaços pode vir a facilitar outras formas de letramento no espaço virtual além do educacional. Estes ambientes podem ser palco para discursos de práticas sociais que visem princípios éticos, sociais globais, que abracem grandes causas para um mundo melhor.

2.2. Ambiente Virtual de Aprendizagem

Segundo o pensamento de Almeida (2003, p. 331), os ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) são:

[...] sistemas computacionais disponíveis na internet, destinados ao suporte de atividades mediadas pelas tecnologias de informação e comunicação. [...] As atividades se desenvolvem no tempo, ritmo de trabalho e espaço em que cada participante se localiza, de acordo com uma intencionalidade explícita e um planejamento prévio denominado design educacional, o qual constitui a espinha dorsal das atividades a realizar, sendo revisto e reelaborado continuamente no andamento da atividade.

Nas plataformas *Duolingo e LinguaLeo*, as atividades propostas são em forma de sistema de gamificação que usa elementos como pontos, medalhas, ranking e liderança para engajar, encorajar e manter os aprendizes de LI envolvidos nas atividades como se estivessem em um jogo, o que faz com que aprendam de forma divertida. São lançados desafios, metas e objetivos para estimular os aprendizes. Esta dinâmica leva os aprendizes a vencer as etapas,

os níveis de aprendizado. Estes mecanismos empregados por estes AVAs, de lançar desafios, utilizam-se de estratégias fazem com que os alunos queiram sempre vencer os obstáculos para ganhar medalhas virtuais, emblemas como se estivessem em um jogo real porque nestes espaços eles podem também convidar os amigos para participar e competir com eles.

Sendo assim, verificamos a necessidade de destacar que há três características nos AVAs que se destacam para a atividade em grupo ou individual. São elas: conectividade, hipertextualidade e interatividade. A conectividade garante o acesso à internet, a informação e a comunicação, independente de tempo e lugar. A hipertextualidade permite que se interliguem textos e outras mídias. A interatividade permite que a comunicação aconteça de forma síncrona ou assíncrona.

Refletir sobre a língua como discurso, onde ela é usada para interação, comunicação, construção de nossa identidade, é relevante compreender que uma língua não é composta apenas de estruturas sintáticas, memorização de léxico e regras gramaticais. A língua é usada a todo o momento para produzirmos discurso e discurso é língua em ação. Assim, o AVA pode ser uma ferramenta para o sujeito-aluno estar em contato com esta língua em uso, através do qual muitas possibilidades podem ocorrer e não apenas aquelas previstas pelo material didático ou design do curso.

2.3 Autonomia do aluno EAD

Um curso de EAD pressupõe autonomia do aluno, um aprendiz que assume a responsabilidade pelo seu próprio aprendizado, e pelas decisões importantes que afetam seu processo de aprendizagem, incluindo administração de tempo, de espaço e de estratégias para o seu aprendizado, controlando seu próprio ritmo de aprendizagem. Estas estratégias além de necessárias devem ser desenvolvidas e aplicadas pelo aluno em curso EAD. Dessa forma, o aprendiz vai se conscientizando sobre o melhor estilo(s) de aprendizagem, as melhores estratégias para aprender, colaborando para sua formação como sujeito autônomo e comunicativo.

O termo autonomia em cursos EAD tem sido abordado por muitos teóricos e neste trabalho trazemos alguns deles.

Paiva (2006), ao analisar as várias definições de autonomia, propõe para o conceito uma definição bastante abrangente:

Autonomia é um sistema sociocognitivo complexo, que se manifesta em diferentes graus de independência e controle sobre o próprio processo de aprendizagem, envolvendo capacidades, habilidades, atitudes, desejos, tomadas de decisão, escolhas, e avaliação tanto como aprendiz de língua ou como seu usuário, dentro ou fora da sala de aula (PAIVA, 2006, p. 88-89).

Almeida Filho (2005) explicita que ao aprendermos outra língua não estamos aprendendo apenas outro sistema, estamos também edificando novos discursos em contextos políticos, sociais e culturais diversos, a partir do qual a língua aprendida será utilizada, ou seja, a língua será usada em outros espaços e não somente em espaços educacionais.

Na visão de Allright e Bailey (1991), o aprendiz de LI usa de estratégias para aprender uma nova língua facilitando assim o processo de aprendizagem, além de poder torná-lo mais autônomo.

Para Benson (1997), o termo autonomia vem sendo empregado quando o aprendiz estuda sozinho, conduzindo ele próprio sua aprendizagem, é o que podemos chamar de aprendizagem autodirigida.

Entretanto, Paiva trás em seus estudos que, estudar sozinho não significa autonomia em muitas situações; o material didático, o design do curso, de maneira geral é conduzido por um sistema, professor ou tutor.

Seria a autonomia uma capacidade ou um comportamento do sujeito aprendiz de língua inglesa? Esta é uma questão que propomos estudar. Alguns estudos fazem uma analogia entre autonomia e outros termos como: autoinstrução, autogestão para situações como ambientes online que nem sempre contam com um professor.

Percebe-se que o *Duolingo* e *LinguaLeo* funcionam como um game onde o aluno aprende brincando. Através da gamificação, o aluno recebe uma moeda virtual como forma de premiação quando completa a lição e quando perde o jogo, ele perde uma vida, o que representa a perda de uma imagem de coração no *Duolingo*. O aluno é sempre desafiado a alcançar ótimos resultados além de poder convidar amigos para jogar com ele, o que torna o jogo mais interessante. Neste método o aluno aprende por repetição com conteúdos de acordo com seu nível. Já no *LinguaLeo* o método é baseado na programação neurolinguística, parte da imitação onde o aluno aprende imitando gestos, posturas, falas, pronúncia, entonação, etc.

Em ambos os games é possível medir a progressão no aprendizado em tempo real o que torna os games desafiantes e motivadores, além da facilidade de acesso porque o aluno pode acessar de seu computador, *tablet* ou do *smartphone* e em qualquer lugar.

Outros fatores tendem a estimular ou impedir que aprendizes desenvolvam a autonomia em AVA de línguas, como o uso da tecnologia, o *layout* do curso, o material didático e como este é organizado neste ambiente.

Em um processo educativo que tenha como finalidade a construção e a apropriação da autonomia tratando-se do empoderamento do sujeito, a autonomia está sempre relacionada ao poder que o sujeito exerce.

De acordo com Michel Foucault, o poder foi considerado como algo que emana de uma fonte para as extremidades. Sendo assim, o poder pode ser uma concessão de alguém com mais poder que concede a outro em escala abaixo (FOUCAULT, 1979).

Percebemos que muitos são os conceitos de autonomia e parece haver um consenso entre os autores de que autonomia não é algo dado. Conscientizar o aprendiz sobre seu(s) estilo(s) de aprendizagem e as melhores estratégias para aprender melhor colaboram para a formação de aprendizes mais autônomos e comunicativos.

3. Considerações

Entendemos que cursos EAD tem sido uma forma de aprendizes de língua inglesa suprir a lacuna deixada pelo aprendizado desta língua na sala de aula presencial de escolas do ensino básico no contexto brasileiro.

Neste sentido, compreendemos pelas nossas análises iniciais que o *Duolingo e LinguaLeo* são ótimas ferramentas para que estes alunos pratiquem a língua inglesa além dos espaços escolares e aprendam de maneira mais autônoma esta língua.

Compartilhamos também da ideia de que o aluno ao buscar aprender autonomamente a língua inglesa terá mais facilidade neste aprendizado por ser ele próprio que irá buscar o curso que for mais interessante para ele, sendo que este mecanismo de busca envolve interesses, gostos e o *Duolingo e LinguaLeo* instiga o aluno a competir para ganhar as medalhas e prêmios que os cursos oferecem como forma de incentivar ao aluno a estudar cada vez mais.

Estas são análises iniciais e pretendemos aprofundar nossos estudos sobre os referidos cursos para entendermos melhor como eles funcionam.

Referências

ALLRIGHT, D.; BAILEY, K .M. **Focus and the Language Classroom**. New York: Cambridge University Press, 1991.

ALMEIDA. M. E. B. de. Educação a Distância na internet: Abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. São Paulo. **Educação e Pesquisa**, v.29, n.2, p. 327-340, 2003.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. A abordagem comunicativa do ensino de línguas: promessa ou renovação na década de 1980? In: ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Linguística aplicada, ensino de línguas e comunicação**. Campinas, SP: Pontes, 2005. p. 77-87.

BELLONI, M.L. 2009. **Educação a Distância**. Campinas, Autores Associados, 115 p.

- BENSON, P. **The philosophy and politics of learner autonomy**. In: BENSON, P. and VOLLER, P. (Eds.). **Autonomy and Independence in Language Learning**. London: Longman, 1997, p. 18-34.
- DICKINSON, L. 1987. **Self-instruction in language learning**. Cambridge, Cambridge University Press, 200 p.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S.; SCHONS, C. R. (Org.). **Discursos em rede: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço**. Recife: EDUFPE, 2011.
- HOLEC, H. **Autonomy and foreign language learning**. Oxford: Pergamon, 1981.
- LOISELLE, J. A. exploração da multimídia e da rede internet para favorecer a autonomia dos estudantes universitários na aprendizagem. In: ALAVA, S. et al. (Orgs.). **Ciberespaço e formações abertas: rumo a novas práticas educacionais?** Tradução: Fátima Murad. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002. p. 107-116.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- PAIVA, Vera L.M.O. Autonomia e complexidade. **Linguagem e Ensino**, v.9, n.1, p. 77-127, jan./jun. 2006.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni.P.Orlandi. Campinas: UNICAMP, 1995.
- DUOLINGO. **Duolingo**. Disponível em < <https://www.duolingo.com/> > acesso em 22 jul. 2017.
- LINGUALEO. **Lingualeo**. Disponível em < <https://lingualeo.com/pt> > acesso em 22 jul. 2017.
- WIKIPEDIA. **Duolingo**. Disponível em < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Duolingo> > acesso em 22 jul. 2017.